



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

Eixo temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social

ATÉ ONDE O CAPITALISMO NOS AFETA: O EXÉRCITO INDUSTRIAL DE RESERVA COMO ESCAPATÓRIA PARA A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

Maria Eduarda Silva de Lima¹

Camille da Silva Mendes²

Maria Klara Belo de Carvalho³

Mariza Natalia Bezerra Gomes⁴

Rebeca Yasmin Bezerra e Silva⁵

Yasmim Gabrielle Cabral Cachina⁶

Resumo: Este artigo analisa o Exército Industrial de Reserva (EIR) a partir das conjunturas sociopolíticas e econômicas como um subterfúgio para a precarização do trabalho no século XXI. Foi utilizado o método de pesquisa crítico-dialético e revisão bibliográfica, a partir de autores que discutem a “Questão Social”, o EIR e a situação econômica e política do Brasil.

Palavras-chave: Exército Industrial de Reserva; Capitalismo; Questão social; Modo de produção.

Abstract: This article analyzes the Industrial Reserve Army (EIR) based on the socio-political and economic situation as a subterfuge for the precariousness of work in the 21st century. The critical dialectical research method and bibliographic review were used, based on authors who discuss the “social question”, the EIR and Brazil's economic and political situation.

Keywords: Reserve Army of Labor; Capitalism; Social issue; Mode of production.

Resumen: Este artículo analiza el Ejército Industrial de Reserva (EIR) a partir de la coyuntura sociopolítica y económica como subterfugio de la precarización del trabajo en el siglo XXI. Se utilizó el método de investigación dialéctico crítico y la revisión bibliográfica, a partir de autores que

¹ maeduardasdelima@gmail.com. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

² camillesilva625@gmail.com. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

³ carvalhomariaklara@gmail.com. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

⁴ mariza.natalia24@gmail.com. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

⁵ rebcabezerra@hotmail.com. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

⁶ yasmimcachinaa@gmail.com. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

discuten la «cuestión social», el EIR y la situación económica y política de Brasil.

Palabras clave: Ejército Industrial de Reserva; Capitalismo; Cuestión Social; Modo de producción.



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

INTRODUÇÃO

Analisar-se-á, por meio de uma revisão bibliográfica, como a precarização do trabalho e o Exército Industrial de Reserva (EIR) se expressam na “questão social” brasileira contemporânea, considerando os atravessamentos políticos e socioeconômicos da atual conjuntura, em que as influências capitalistas, neoliberais e conservadoras refletem impactos nocivos, não apenas no âmbito trabalhista, mas também nos determinantes sociais, evidenciando uma realidade de precarização e desumanização no Brasil.

O trabalho, como uma categoria fundante da reprodução social, configura-se na fundamentação do ser social (Lessa, 2015), disponibiliza para uma sociedade capitalista, a apropriação desse trabalho, a fim de o transformar em processo de valorização de mais-valia, ou seja, numa simples relação mercantil, alienada e fetichizada, a qual deixa de ser vista como centralidade do ser social e passa a ser uma forma de subsistência (Antunes, 2008).

Esse “novo” meio de regular o trabalho/trabalhador passa a se estruturar a partir da ideia da/do trabalhador(a) autônomo(a) e “livre”. Assim, torna-se possível mascarar os desmontes dos direitos trabalhistas, a precarização do trabalho e o aumento gradativo do EIR. Esse contexto se expressa na relação desigual capital/trabalho em um processo de acumulação, refletido nas expressões da “Questão Social”, sustentando-se como resultado da “exploração do trabalho pelo capital” (Santos, 2008).

O EIR pode ser analisado a partir de três características: *flutuante* — entendida a partir do fluxo de entrada e saída constante da classe trabalhadora nos espaços de produção do capital; *latente* — composta pela classe trabalhadora rural, que, forçada pela dinâmica capitalista, é dispensada de suas funções nesses espaços; e a *estagnada* — possui um maior número de trabalhadoras(es), pois ocupam o espaço da informalidade, sendo mais suscetíveis à exploração capitalista (Trindade, 2021).

Com o processo de reestruturação capitalista no início dos anos 1970, houve a retomada do padrão de acumulação e hegemonia do capital, como também da ascensão da dominação burguesa nos espaços econômicos, políticos e ideológicos. Dessa forma, o modelo de trabalho vigente sofre alterações com a implantação do trabalho flexível, devido à autonomia empresarial quanto às contratações sobre o trabalho/trabalhador (Antunes, 2008). Como consequência, vemos a diminuição salarial, a alteração na jornada de trabalho,



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

a dessindicalização, o enfraquecimento das lutas populares etc., o que finda por tornar um espaço propício à desvalorização do trabalho e também do sujeito.

Com isso, é de suma importância compreender este modo de produção e discutir os fatores que geram desigualdade social. De modo que, a ilusão da liberdade e autonomia, manifestando-se na perda de direitos, afeta diretamente a vida da/do trabalhadora no presente século. E, através do EIR, em que a excedência de mão de obra culmina na própria *repulsão* da classe trabalhadora sobre si, gera esvaziamento do seu espaço nesse processo, fortalecendo o poder do capital e a geração de mais riqueza (Siqueira, 2013).

Portanto, pode-se analisar o aumento gradativo do EIR e a precarização do trabalho, na particularidade da “questão social” brasileira contemporânea, como forma de compreender esse “novo” modelo de trabalho instaurado. De modo que, ao examinarmos criticamente quais os fundamentos econômico-políticos que permitem o surgimento do EIR, e a sua relação com a precarização do trabalho, expressa-se o fortalecimento das desigualdades sociais e a subvalorização das relações pessoais (Santos, 2012), de maneira tal a produzir um modelo sociopolítico e econômico voltado somente para a obtenção de lucro.

Desta feita, embora acreditemos na desmobilização da classe trabalhadora, mediante o cenário de ascensão do conservadorismo e desmobilizações sociais, entender os caminhos que se estruturam nos processos de sociabilidade nos faz refletir sobre a necessidade da atuação da/do Assistente Social com um papel de destaque na promoção e ação de enfrentamento desses debates, buscando-se construir uma perspectiva de levante social e mobilização da classe trabalhadora, para orientar-se contra esse cenário de precarização do trabalho, tentativas antidemocráticas e de perdas de direitos.

ENTENDENDO AS NUANCES DA QUESTÃO SOCIAL DENTRO DO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA E SUA RELAÇÃO COM O EIR

Conforme Santos (2012), a questão social surge na Europa, no século XIX, com o aumento do desenvolvimento das forças produtivas e, conseqüentemente, da pauperização. Em linhas gerais, a questão social é o resultado da relação desigual do capital *versus* trabalho, dado que no modo de produção capitalista só existem duas classes: os que detêm os meios de produção e os que detêm unicamente a força de trabalho. Assim, ela eclode com o aumento do pauperismo no século XIX, quando a classe trabalhadora passa a se



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

reconhecer como classe, fazendo a passagem da “classe em si” para “classe para si” e entra no cenário político requerendo seus direitos.

Ainda de acordo com Santos (2012), é importante frisar que, no Serviço Social, não temos “questões sociais”, mas “questão social e suas expressões”, visto que a questão social nasce do modo de produção capitalista e que não pode ser considerada sob múltiplas causas porque impediria a visualização da sua real causa. Nas suas palavras:

[...] A gênese da questão social é explicada pelo processo de acumulação ou reprodução ampliada do capital. Esse processo remete à incorporação permanente de inovações tecnológicas pelos capitalistas, tendo em vista o aumento da produtividade do trabalho social e a diminuição do tempo de trabalho socialmente necessário à produção de mercadorias. Essa tendência, por sua vez, produz um movimento simultâneo de aumento do capital e diminuição do capital variável, que corresponde à força de trabalho. (Santos, 2012, p. 26).

Todavia, não interessa aos capitalistas que esse tempo de trabalho socialmente necessário seja reduzido para que os funcionários tenham mais tempo livre, interessa a eles que nesse período os trabalhadores produzam o lucro (mais-valia) e que haja a competição entre eles, para que a classe trabalhadora não se una para ameaçar a ordem social vigente e que mantenham os baixos salários, reforçando neles a ideologia de que “é melhor um trabalho ruim, do que trabalho nenhum”. É importante pontuar, ainda, que não é que não existisse pobreza antes do capitalismo, a questão é que, no capitalismo, ela é única e socialmente produzida.

Siqueira (2013) afirma que o EIR tem uma função política e econômica de privilegiar aqueles que comprem a força de trabalho (capitalistas), pois o EIR é guiado pela lógica da oferta e da procura, isto é, quanto maior a oferta de mão de obra, menor o seu preço. Notando-se que existe uma fila imensa de gente esperando para ocupar aquela vaga (mesmo que seja precarizada), se o atual ocupante quiser sair, será irrelevante para o empregador porque terá inúmeras pessoas na fila de sucessão.

Segundo Siqueira (2013, p. 169–170), “todo trabalhador desempregado ou parcialmente empregado faz parte da superpopulação relativa”. A partir de Marx, a autora apresenta formas de como elas podem ser vistas, são elas:

[...] *Flutuante* — trabalhadores que ora são repelidos, atraídos, o que chamamos de sazonais. E ao aumentar o número dos empregados decresce com o aumento da escala de produção, muito comum, no contexto atual, em indústrias que dependem do plantio e colheita de vegetais; *Latente* – trabalhadores que podem migrar para a zona industrial. Causa: a possibilidade latente de imigração campo-cidade, produto da apropriação da agricultura pela produção capitalista, que expulsa trabalhadores



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

do campo; *Estagnada* — trabalhadores em atividade, mas com ocupação totalmente irregular a exemplo do trabalhador do chamado “setor informal”, precários, etc. Com “duração máxima de trabalho e mínima de salário” e por fim, o pauperismo, que inclui os aptos a trabalhar em condições cada vez mais precárias e exercendo atividades degradantes, os órfãos, filhos de indigentes e os incapazes de trabalhar (público-alvo da política de assistência social) (Siqueira, 2013, p. 169–170).

Assim, de acordo com Siqueira (2013), podemos concluir que a existência do EIR é um produto elementar para a acumulação de riqueza pelo capitalista. Tendo em vista que quanto maior a acumulação de riqueza, maior é o EIR; quanto maior o EIR, mais tende a crescer a superpopulação; e quanto maior a massa de superpopulação, maior a pobreza.⁷

O EXÉRCITO INDUSTRIAL DE RESERVA E A SUA RELAÇÃO NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

Numa perspectiva advinda da crítica marxista ao modo de produção capitalista, podemos compreender como as formas de exploração do trabalho não se esgotam na relação imediata entre capital e força de trabalho. Elementos como o Exército Industrial de Reserva se dispõem como estruturantes e possuem papel determinante tanto na regulação do trabalho como na composição final e evidente das expressões da Questão Social.

Pensando na realidade brasileira, Trindade (2021) defende que a EIR cumpre um papel fundamental dentro do modo de produção capitalista, de modo que serve como base para a sustentação desse sistema. A necessidade de possuir à disposição inúmeros trabalhadores em busca de um emprego fortalece a massa de precarização e subalternidade do trabalho, fazendo-os aceitar condições desumanas e exaustivas para prosperar a lucratividade do sistema. É importante analisar as necessidades econômicas apresentadas no meio desse sistema produtivo do trabalho, analisando as determinações intrínsecas inseridas dentro desse momento histórico.

O Exército Industrial de Reserva brasileiro é fortemente marcado pela heterogeneidade da classe operária, abordando as camadas flutuante, latente e estagnada, como defendido por Trindade (2021), em que expressam uma singularidade e particularidade que estão inter-relacionadas de certa forma, sem diminuir as suas

⁷ A pobreza não é um dado da natureza humana, mas um resultado pautado nas formas de organização social, assumindo particularidades diversas e tendo seus fundamentos diferentemente vinculados às formas de produção e distribuição da riqueza historicamente determinadas. A pobreza é um fenômeno histórico e socialmente construído e, portanto, historicamente superável. (Siqueira, 2013, p. 186)



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

diferenças. Observar o aumento do desemprego em todos os seus âmbitos, o abandono do vínculo empregatício e o crescimento da atividade informal são características da nova dinâmica imposta dentro do capitalismo como projeto político de depreciação da classe trabalhadora.

Segundo o desenvolvimento que Netto e Braz (2021) constroem sobre o processo de acumulação capitalista com base em Marx, o Exército Industrial de Reserva (EIR) refere-se à massa de trabalhadores, desempregada ou subempregada, que está permanentemente disponível às necessidades do capital, caracterizando-se mais especificamente como um número excedente de trabalhadores que não estão empregados em determinado momento, mas que podem incorporar-se ao processo produtivo de acordo com as necessidades de acumulação do grande capital.

Ainda de acordo com Netto e Braz (2021), o EIR não é apenas mais um resíduo acidental dessa economia, mas um componente necessário ao seu funcionamento, sendo o produto da própria lógica de valorização, que demanda a flexibilização no uso da força de trabalho e faz com que a instabilidade e o desemprego sejam elementos funcionais à reprodução de tal sistema. Nesse sentido:

[...] O exército industrial de reserva não resulta de uma intenção consciente da classe capitalista, embora esta se sirva dele estrategicamente para seus objetivos — tal exército é um componente necessário e constitutivo da dinâmica histórico-concreta do capitalismo. (Netto; Braz, 2021, p. 176)

Ademais, o desemprego não é simplesmente circunstancial ou resultado de uma má gestão econômica, e sim mais um fenômeno estruturante do sistema capitalista. Para que os capitalistas mantenham salários baixos, aumentem a exploração e enfraqueçam a capacidade de mobilização dos trabalhadores é necessário que exista esse excedente de força de trabalho não empregada, visto que, quando a oferta de força de trabalho é limitada, os trabalhadores encontram o meio propício para pressionar por melhores remunerações e condições de trabalho, assim, o desemprego quando elevado e transformado em superpopulação relativa, se torna um mecanismo de coerção econômica sobre a classe trabalhadora, que acaba por se submeter a venda da sua força de trabalho mesmo sob condições extremamente precárias e ausência de benefícios básicos trabalhistas, que vão desde a falta de proteção social à negação de direitos, como férias e salário mínimo.



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

[...] A existência de um enorme contingente de desempregados permite ao capitalista pressionar os salários para um nível inferior; essa é a função primária que o exército industrial de reserva desempenha sob o capitalismo. Trata-se de um poderoso instrumento para que o capitalista incremente a exploração da força de trabalho — pode-se mesmo afirmar que, grosso modo, “os movimentos gerais do salário são exclusivamente regulados pela expansão e contração do exército industrial de reserva” (id., p. 204). Mas a existência do exército industrial de reserva cumpre mais que essa importantíssima função; por exemplo, ela oferece ao capital um volume de força de trabalho que pode ser mobilizado a qualquer momento, recrutado para um ramo de produção que experimenta uma conjuntura favorável e até mesmo deslocado geograficamente, em processos migratórios, inclusive para atender a demandas de empreendimentos capitalistas temporários. (Netto; Braz, 2021, p. 178).

E é dessa forma, levando em consideração o que foi explicitado anteriormente, que entendemos o caráter coordenado, dentro do modelo de produção capitalista, do desemprego. O Exército Industrial de Reserva cresce de forma contínua e irreversível, sendo naturalizado pela burguesia que, ao não reconhecer alternativas à lógica do capital, o transforma em justificativa para a precarização generalizada das condições de vida e trabalho, fazendo a manutenção da questão social de forma camuflada, por meio da intervenção dentro do campo da assistência e políticas de transferência de renda, garantindo o mínimo poder de consumo à classe trabalhadora precarizada e o funcionamento do sistema exploratório do capital.

[...] No capitalismo dos monopólios, tanto pelas características do novo ordenamento econômico quanto pela consolidação política do movimento operário e pelas necessidades de legitimação política do Estado burguês, a “questão social” como que se internaliza na ordem econômico-política: não é apenas o acréscido excedente que chega ao exército industrial de reserva que deve ter a sua manutenção “socializada”; não é somente a preservação de um patamar aquisitivo mínimo para as categorias afastadas do mundo do consumo que se põe como imperiosa; não são apenas os mecanismos que devem ser criados para que se dê a distribuição, pelo conjunto da sociedade, dos ônus que asseguram os lucros monopolistas — é tudo isto que, caindo no âmbito das condições gerais para a produção capitalista monopolista (condições externas e internas, técnicas, econômicas e sociais), articula o enlace, já referido, das funções econômicas e políticas do Estado burguês capturado pelo capital monopolista, com a efetivação dessas funções se realizando ao mesmo tempo em que o Estado continua ocultando a sua essência de classe. (Netto, 2013, p. 26).

Por fim, como destaca Netto (2013), essa massa de trabalhadores excedentes opera como um dispositivo disciplinador, cuja função não é ser absorvida ou eliminada, mas normalizada e regulada, ou seja, a reserva de trabalho precisa ser mantida e, para isso, é necessária a criação de mecanismos estatais que assegurem a distribuição dos custos



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

dessa lógica. Consequentemente, dadas as condições para a legitimação da ordem burguesa, consolidando os grandes conglomerados característicos do capitalismo monopolista, a Questão Social passa a ser internalizada.

O EIR reafirma o caráter estrutural da Questão Social no capitalismo, sendo expressão concreta da exploração e instrumento permanente de sua manutenção, uma vez que a gestão contemporânea da pobreza e da exclusão social atua como mecanismo de controle da força de trabalho, assegurando a reprodução das condições necessárias à acumulação capitalista.

De acordo com Antunes (2009), com a ofensiva neoliberal e a crise estrutural do capital na década de 1970, foi necessária a implantação de novas maneiras de acumulação capitalista, para substituir o *Welfare State* na estrutura produtiva mundial. Assim, os ideais do *lean production* são incorporados, traduzido como “empresa enxuta”, onde os equipamentos técnico-científicos são inseridos nas indústrias de forma ampla no lugar de pessoas, consequentemente, tendo como resultado a precarização estrutural, desemprego e perda de direitos trabalhistas.

Com esse processo de substituição, há uma gama de servidores na fila do mercado de trabalho somente à espera de uma oportunidade, que servem à lógica capitalista na perspectiva de precarizar as condições trabalhistas e suprir as potenciais demandas por mão de obra, uma vez que os funcionários ativos são impedidos, mesmo indiretamente, de reivindicarem melhorias profissionais, por possuírem receio de serem substituídos. Portanto, nesse cenário neoliberal, o trabalho é apresentado como o cerne da sociedade e deve ocupar o tempo restante dos funcionários. Esse é o método usado pela racionalidade capitalista, influenciando os servidores a trabalharem sem maiores descansos, com a promessa de uma futura emergência econômica. Porém, essa emergência somente aconteceria se o foco dos trabalhadores fosse somente no trabalho. Assim:

[...] A constatação é forte: em plena era da informatização do trabalho, do mundo maquinal e digital, estamos conhecendo a época de informalização do trabalho, dos terceirizados, dos precarizados, dos subcontratados, dos flexibilizados, dos trabalhadores em tempo parcial, do subproletariado. (Antunes, 2009, p. 252).

De acordo com as informações mencionadas acima, podemos também destacar como o processo de reformas e contrarreformas do modo de produção capitalista condiciona a classe trabalhadora a se adaptar constantemente ao longo dos séculos. Desse modo, vale



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

destacar o EIR como um fator preponderante nessa conjuntura envolta ao capital, revelando-se intensificado quanto ao que se refere aos tempos atuais, período em que o impacto acentuado do desenvolvimento acelerado da tecnologia classificou o século XXI como “Era da Informação”. Com isso, percebe-se que a sociedade adentra ainda mais ao processo de industrialização, de maneira que o sujeito está condicionado a adaptar-se em submissão da venda da força de trabalho a serviços cada vez mais precarizados, no contexto dado por uma nova geração de desempregos, mas também, subempregos.

Assim, dentro da realidade brasileira, podemos confirmar o processo de formação do EIR segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), associado à Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua (PNAD), em que, no primeiro semestre do ano de 2025, registrou-se 7,7 milhões de desempregados e/ou “indivíduos em desocupação”. Além disso, foi registrado pela Associação Brasileira de Estudos do Trabalho (ABET), em 2023, um total de 1,7 milhão de indivíduos vendendo sua força de trabalho por meio da informalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse contexto, é nítido que o século da “Era da Tecnologia” trouxe inúmeras transformações no que se refere ao mundo do trabalho, devido aos investimentos privatistas nas grandes indústrias da informação, da robótica, da automobilística e da inteligência artificial. Os rebatimentos disso são a existência de trabalhadores que executam um trabalho por sistema remoto, cada vez mais flexível, competitivo, individualista, voltado somente à acumulação e sem direitos trabalhistas, além de contribuir e reforçar a ideologia da meritocracia e do crescimento pessoal, ligadas à lógica do empreendedorismo.

Portanto, percebemos como a conjuntura do capital constrói e reconstrói seus fundamentos, se estruturando no processo de subalternização do trabalho, enfatizando a divisão dualista de classes — entre os detentores dos meios de produção e os vendedores da própria força de trabalho — de modo que desde o século XIX até os dias atuais, os determinantes das expressões da questão social assolam a sociedade brasileira, sendo um mecanismo favorável ao modo de produção capitalista e consequentemente a burguesia, que utiliza as mais diversas ferramentas relacionadas ao trabalho para garantir a desproteção social da classe trabalhadora, consequentemente enfraquecendo os movimentos de luta e resistência do proletariado.



18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

REFERÊNCIAS

ABET — Associação Brasileira de Estudos do Trabalho. (2021). **Em dados, a uberização da vida**. Disponível em: <<https://abet-trabalho.org.br/em-dados-a-uberizacao-da-vida/>> Acesso em: 05 jun. 2025.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 11.ed., São Paulo, SP: Cortez, 2006.

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. 2.ed., 10 reimpr. rev. e ampl. São Paulo, SP: Boitempo, 2009.

CONSELHO REGIONAL DE SERVIÇO SOCIAL RN. **Século XXI: nova era da precarização estrutural do trabalho**. In: ANTUNES, Ricardo. Seminário Nacional de Saúde Mental e Trabalho. São Paulo, SP. 2008. Disponível em: <<https://www.cressrn.org.br/files/arquivos/LxkqK1F4gd8eDW4w38w0.pdf>> Acesso em: 05 jun. 2025.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Desemprego**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>> Acesso em: 05 jun. 2025.

LESSA, Sergio. **Para compreender a ontologia de Lukács**. 4. ed., São Paulo, SP: Instituto Lukács, 2015.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política**: uma introdução crítica. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2021.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo monopolista e Serviço Social**. 8. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

SANTOS, Josiane Soares. **“Questão social”**: particularidades no Brasil. São Paulo: Cortez, 2012.

SIQUEIRA, Luana. **Pobreza e Serviço Social**: diferentes concepções e compromissos políticos. São Paulo: Cortez, 2013.

TRINDADE, Hiago. Elementos introdutórios para pensar sobre o Exército Industrial de Reserva no Brasil. **Praia Vermelha**. Rio de Janeiro, RJ, v. 31, n. 2, p. 223–242, 2021. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/praiavermelha/article/view/41504>> Acesso em: 20 jun. 2025.